

C.3. Museu Diários do Isolamento: Práxis Humanista, Dialogicidade e Musealização Socializadora

Renan Marques Azevedo da Mata
Graduando; Universidade Federal de Pelotas;
renanazevedomarq@gmail.com

Daniel Maurício Viana de Souza
Doutor; Universidade Federal de Pelotas;
danielmvsouza@gmail.com

Resumo: Intentamos aqui apresentar o Museu Diários do Isolamento (MuDI) e suas experiências enquanto processos comunicativos-coparticipativos, orientados por uma perspectiva dialógica associada à práxis humana enquanto ação e reflexão mediadas pelo pensamento, imbuídos pela potencialidade de agir e transformar a realidade humana. Nesse sentido, buscamos problematizar teórico-metodologicamente a relação entre comunicação e educação, tendo a práxis como horizonte de categoria de análise em uma perspectiva marxista-humanista. Além disso, discorreremos acerca da produção e reprodução de conhecimento no âmbito da ciência, pensando especificamente no contexto museológico, tendo o MuDI como cenário para a discussão.

Palavras-chave: Museu Diários do Isolamento; Práxis Humanista; Dialogicidade; Musealização Socializadora.

Introdução

Intentamos aqui apresentar o Museu Diários do Isolamento (MuDI) e suas experiências enquanto processos comunicativos-coparticipativos, orientados por uma perspectiva dialógica associada à práxis enquanto ação e reflexão mediadas pelo pensamento humano, imbuídos pela potencialidade de agir e transformar a realidade humana. Nesse sentido, buscamos problematizar teórico-metodologicamente a relação entre comunicação e educação, tendo a práxis como horizonte de categoria de análise em uma perspectiva marxista-humanista. Além disso, discorreremos acerca da produção e reprodução de conhecimento no âmbito da ciência, pensando especificamente no contexto museológico, tendo o MuDI como cenário para a discussão.

Historicamente a produção do conhecimento ligado à ciência não foi capaz de coexistir em relação à diversidade de epistemes existentes. Nesse sentido, foi-se constituindo uma desigualdade epistemológica desumanizadora, ausente de intersubjetividades e caracterizada por um pensamento abissal⁶⁸. Este pensamento é orientado por uma divisão da realidade social em dois universos diferentes, um lado reconhecidamente válido e outro excluído, inexistente, constituído de uma ausência não-dialética. Desse modo, é imprescindível trazer à luz do debate a práxis dialética humanista para que, em comunhão e mediatizados pelo mundo, possamos ter a plena consciência que somos agentes da história, e, assim, superar a contradição opressor-oprimido⁶⁹.

Sob a égide do capitalismo, a ciência foi se configurando orientada por uma perspectiva universalista, que supostamente daria conta de responder às demandas globais e locais, além de sua suposta neutralidade e objetividade. Nesse sentido, estruturou-se a partir de uma monocultura de saberes e uma superioridade epistêmica eurocentrada, que acabou levando, entre outros fatores, à crise de confiança por parte da sociedade em relação à ciência. Esta crise é a expressão de um processo que coloca em evidência o colapso e a necessidade de superação da modernidade capitalista-colonialista-patriarcal e seus pilares constitutivos. Portanto, vislumbramos no movimento dialético materialista a potencialidade de contrapor as ideias-base que regem a ciência-espetáculo⁷⁰ como antítese da ciência dialógica, para alcançar esta superação, e, assim, constituir concretamente relações transepistêmicas coexistentes através da práxis, tendo em vista que nenhuma realidade modifica-se voluntariamente e idealmente.

A produção do conhecimento científico é socialmente constituída e deve, portanto, estar orientada por uma perspectiva intercultural em relação à diversidade de realidades, conhecimentos e saberes existentes. Entretanto, a nossa realidade

⁶⁸ SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: Epistemologias do Sul.

⁶⁹ FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido

⁷⁰“Um dos pressupostos fundamentais da ciência-como-espetáculo é justamente a supressão da ação do sujeito social, que se reconhece passivamente nos significados simbólicos de uma discursividade comumente isenta de reflexividade contextual e aprofundamento crítico.” (SOUZA, p. 322, 2016)

histórico-cultural é revestida de um arsenal ideológico que regula, digamos assim, a produção e reprodução de conhecimentos e saberes, tal como a ciência e a tecnologia e sua falsa neutralidade e dúbia concepção de progresso.

Em tempos de crise, como a da Covid-19, a ciência toma um lugar de tamanha importância pois seus conteúdos e resultados afetam diretamente o nosso cotidiano. Alguns exemplos ilustrativos estão relacionados à produção de imunobiológicos, elaboração de estratégias fundamentadas para controle de doenças e prevenção, além de cumprir um papel crucial no princípio da pandemia no tocante à produção de pesquisas que fossem capazes de suprir a escassez de informações acerca do novo vírus, suas variantes, etc. Todavia, é importante não perder de vista suas contradições internas, pois há uma separação entre ciência e sociedade, que entre outros fatores, impulsionaram movimentos anti-ciência e anti-pensamento, a exemplo dos terraplanistas, anti-vacinas, e negacionistas em geral.

No que tange à popularização da ciência, os museus exercem funções e responsabilidades fundamentais. Porém, há um abismo entre discurso e prática acerca da comunicação da ciência nos museus, por exemplo, pois as discussões e decisões em torno de sua produção geralmente estão subordinadas a uma comunicação intrapares, essencialmente verticalizada e excludente, que muitas vezes coloca-se como verdade absoluta. A partir da segunda metade do século XX, insurge mobilizações que questionam o papel e a função dos museus em nossa sociedade, apontando para a necessidade de suas práxis estarem em confluência com a totalidade das questões humano-sociais em seus contextos heterogêneos.

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo apresentar o Museu Diários do Isolamento (MuDI), um museu de virtuais conexões, localizado no território da internet, vocacionado em proporcionar um espaço de diálogo democrático e participativo acerca da conjuntura geral da pandemia de Covid-19, a partir de uma consciência social crítica sobre a importância da ciência e do conhecimento. Além disso, o compreende enquanto um processo info-comunicativo, orientado em uma perspectiva dialógica que, atrelada à práxis humanista, carrega um forte potencial de agência e transformação da realidade em torno de uma musealização socializadora.

Metodologia

Nossos pressupostos teórico-metodológicos partem do entendimento do ser humano enquanto processo em movimento, seres inconclusos que estão inseridos em uma dada realidade sócio-histórica igualmente inconclusa. O ser humano, além de ser constitutivamente um ser orgânico, é, também, um ser social que se diferencia dos outros seres do reino animal por sua capacidade de produzir e reproduzir sua própria história a partir de linguagens e seus meios de vida. Além disso, partimos do pressuposto de que toda prática humano-comunicacional é uma prática de dimensões educativas, quando orientadas pela dialogicidade, sendo capaz de possibilitar a coexistência de múltiplas epistemes e cosmovisões. Nesse sentido, para nós é imprescindível compreender a práxis humana enquanto categoria analítica, que “se articula com o todo do homem e o determina em sua totalidade” (KOSIK, p. 223, 1976), colocando em evidência a dimensão criativa do ser humano como realidade ontológica. Ou seja, nossa existência é orientada por processos ontocriativos, que se manifestam na realidade, e, também, oportuniza o acesso à ela (KOSIK, 1976).

Portanto, a realidade social, em sua dialética objetiva-subjetiva, deve estar intimamente ligada à ação em e com o mundo concreto-intelectivo, tendo em vista que o movimento se estabelece via relações humanos-mundo (FREIRE, 2019), atribuindo à práxis sua potencialidade de agência e reflexão mediadas pelo pensamento crítico, capaz de superar as contradições constitutivas de nosso sistema de relações sociais-humanas. Desse modo, nossos esforços serão balizados por uma análise descritiva das ações do MuDI, alicerçadas por revisão bibliográfica, tendo a dialogicidade como horizonte de possibilidade de re-fazer a práxis de maneira que estabeleça elos de sociabilidade, tendo o museu como potente meio.

Comunicar-dialogar-educar

O primeiro ponto importante a ser debatido aqui é a definição de comunicação presente na obra “Extensão ou Comunicação?” de Paulo Freire (1921-1997)⁷¹. Nesta obra, Freire estabelece as diferenciações teórico-metodológicas acerca da extensão do conhecimento em relação à comunicação. Nesse sentido, o autor destaca que o ser humano transforma o mundo com seu trabalho, e o resultado dessa transformação constitui a vida material, o mundo propriamente. Portanto, a característica central de nosso mundo cultural e histórico diz respeito à “intersubjetividade ou à intercomunicação” entre os sujeitos (FREIRE, p. 44, 1983). Ou seja, o mundo humano-social é mediado pela comunicação, atribuídas de palavras e linguagens como elementos constitutivos, que tem no diálogo recíproco e horizontal seu pilar balizador. Logo, comunicação é educação pois é a partir do diálogo que pode haver a interlocução, o encontro pela busca da significação dos significantes entre os sujeitos em mundo. Ou seja, educação é propiciar possibilidades coletivo-participativas de produção e construção de saberes.

Por isso, é preciso negar e superar a extensão que não é dialógica, pois suas práticas são alicerçadas por um viés vertical, anti-humanista, que vê o sujeito como mero repositório passivo de conhecimento, impossibilitando a troca recíproca de experiências da ação e reflexão das diversas realidades. Desse modo, a comunicação dialógica ou co-participativa não deve perder de vista a relação “pensamento-linguagem-contexto ou realidade” (FREIRE, p. 47, 1983), pois não há pensamento isolado e que não reflita em si as marcas do real. Assim, o diálogo é um fenômeno essencialmente humano, que revela-se na palavra em um fazer coletivo de compreender a realidade e suas significações e significados, enquanto elemento formador e meio para busca da ação e reflexão. Ou seja, a palavra mediada pela ação e reflexão, é a práxis como palavra verdadeira, capaz de transformar o mundo. Carregamos em nossa humanidade uma dimensão ontocriativa de pronunciar o

⁷¹ A respeito deste importante educador latino americano, vale ressaltar sua influência para com as discussões em torno da Mesa-Redonda de Santiago no Chile (1972), que apesar do veto de sua participação no evento a época, teve fundamental contribuição para os museus e para a Museologia no que tange “ao conceito “conscientização” da transformação do homem-objeto em homem-sujeito” (ALVES, Vânia; REIS, Maria Amélia. “Tecendo Relações Entre As Reflexões De Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972”; 2013).

mundo⁷², e, assim, transformá-lo. Por isto, não basta conhecer e interpretar o mundo, a questão deve ser revolucioná-lo⁷³, de modo que essa transformação deve vir acompanhada de uma reinterpretação, e ambas são processos, uma tarefa histórica coletiva⁷⁴.

Resultados

e

Discussão

Ações do MuDI

O MuDI nasce no contexto de crise social agravada pela pandemia, associada a uma desigualdade informacional sobre a Covid-19 no Brasil, com grandes fluxos de informações que comumente chamamos de infodemia⁷⁵, nos colocando inúmeros desafios enquanto sociedade. Esses problemas, de certo modo, se interconectam e o museu passa a exercer funções de suma importância nessa conjuntura. Desse modo, suas ações desenvolvem-se a partir do território da internet, por meio de um website e perfis nas redes sociais⁷⁶. Desde sua fundação, foram realizadas exposições de curta e longa duração. As exposições de curta duração até o presente momento foram: “Cartas que levam abraços” - 2020; “(Re)existência: os vários lugares da mulher na pandemia” - 2021; e “Bordando Memórias: Doces linhas na pandemia” - 2021. Sobre a exposição de longa duração, ela está organizada em eixos temáticos denominados “Movimentos”, são eles: Por dentro da pandemia; Ciência compartilhada; É fake!; Memórias do isolamento e Solidariedade em rede. A perspectiva de mudança é um dos fundamentos da organização dos movimentos, que são centrais no discurso expográfico.

Acerca do “Por dentro da pandemia”, este movimento dedica-se em fazer uma seleção de informações essenciais sobre o contexto pandêmico para com a sociedade

⁷² Freire, Paulo. Pedagogia do Oprimido.

⁷³ Décima primeira tese sobre Feuerbach. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã.

⁷⁴ SANTOS, Boaventura de Sousa. O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul.

⁷⁵ “Uma infodemia pode ser definida como uma rápida difusão de todos os tipos de informação - corretas, mas também incorretas, enviesadas ou falsas - sobre um problema, o que acaba tornando mais difícil sua solução.” (GRAMACHO, 2021).

⁷⁶ (Site): <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/mudi/> (Instagram): [@mudiufpel](https://www.instagram.com/mudiufpel/) (Facebook): <https://www.facebook.com/ufpelmudi/> (YouTube): [MudiUFPel - YouTube](https://www.youtube.com/channel/UC...)

em geral a partir do crivo de fontes seguras e fidedignas. O “Ciência compartilhada” atua na divulgação científica de pesquisas relacionadas a essa conjuntura pandêmica. No caso do “É fake!”, o objetivo visa combater a vasta desinformação presente nas redes sociais a partir de comparações e análises de informações e conhecimento cientificamente fundamentados. O “Memórias do Isolamento” diz respeito à participação em depoimentos de diferentes atores sociais e suas respectivas visões e vivências acerca da conjuntura da crise da Covid-19. E o “Solidariedade em Rede”, reúne fontes e materiais sobre mobilizações comunitárias de redes de reciprocidade-solidariedade que emergem a partir dos impactos da pandemia na vida dos diferentes sujeitos.

Além das exposições, há ações comunicacionais extras, a exemplo da produção de conteúdo relacionado a memória do Dia da Terra Palestina (30 de março), Dia Internacional do Povo Palestino (29 de novembro), apoio a campanha em defesa do direito à educação para as meninas afegãs, material informativo acerca da luta internacional contra o cancer de mama (Outubro rosa), além de *lives* como a realizada no âmbito do mês da Consciência Negra, a qual dialogamos com diferentes atores ligados a movimentos populares e coletivos feministas e antirracistas, sobre o tema da violência e precarização do trabalho das mulheres negras da pandemia. Ademais, atualmente o museu consta com uma Comissão Permanente de Articulação Antirracista.

Conclusões

O MuDI é denominado um museu de virtuais conexões pois acredita e atua nas potencialidades de diálogos e construção efetivamente democráticas do conhecimento no ambiente virtual. Essa construção se dá a partir das ações e reflexões críticas mediadas pelos pensamentos, possibilitando, assim, uma multicultura digital (SOUZA; LEAL; SIRTOLI; TENOTTI, 2021) e de saberes. Não é possível compreender e exercer verdadeiramente a práxis sem diálogo, sem coletividade, reciprocidade, horizontalidade, humildade, esperança, e ação pela mudança. Essa multicultura digital e de saberes, se dá na comunicação-educação entre os atores envolvidos, e carrega em si mesma a possibilidade de haver a

musealização socializadora, tendo o museu como cenário para este processo.

Referências

ALVES, Vânia; REIS, Maria Amélia. **Tecendo Relações Entre As Reflexões De Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago do Chile**, 1972. Revista do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – Unirio | MAST - vol. 6 no 1 – 2013

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2019.

GRAMACHO, Wladimir. **OS RISCOS DA INFODEMIA EM MEIO A UMA PANDEMIA**. In: Comunicação e política no contexto da pandemia: breves reflexões / Rafael Sampaio, Rayza Sarmiento, Viktor Chagas (Organizadores) – Curitiba: Compolítica / Carvalho Comunicação, 2021.

KARL, Marx; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo, Boitempo, 2007.

KOSIK, Karel. **A dialética do concreto**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Argentina, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**. 2^o edição, Edições Almedina, Coimbra, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021.

SOUZA, Daniel Maurício Viana. **Divulgação Científica Em Museus E Centros De Ciência Interativos: a construção social de uma ciência-espetáculo**. 2016

SOUZA, Daniel Maurício Viana; Noris Mara Pacheco Martins Leal; Guilherme Susin Sirtoli; Carolina Fogaça Tenotti. **DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19: O MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO (MuDI)**. 20^o Congresso Brasileiro de Sociologia, 2021.